

Débora Aparecida Oliveira dos Santos

A PERCEPÇÃO DA SÍLABA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO



Débora Aparecida Oliveira dos Santos

A PERCEPÇÃO DA SÍLABA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari

ARARAQUARA – S.P.
2023

S237p Santos, Débora Aparecida Oliveira dos
A Percepção da sílaba no português brasileiro /
Débora Aparecida Oliveira dos Santos. --
Araraquara, 2023
36 p. : il.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado -
Letras) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientadora: Gladis Massini-Cagliari

1. Linguística. 2. Fonética. 3. Análise prosódica. I.
Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.
Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados
fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

DÉBORA APARECIDA OLIVEIRA DOS SANTOS

A PERCEPÇÃO DA SÍLABA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: prof^a Dra. Gladis Massini-Cagliari

Data da defesa/entrega: 11/12/2023

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: prof^a Dra. Gladis Massini-Cagliari

Universidade Estadual Paulista.

Membro Titular: Dra. Débora Aparecida dos Reis Justo Barreto

Universidade Estadual Paulista.

Membro Titular: M.e Carlos Elisio Nascimento da Silva

Universidade Estadual Paulista.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras

UNESP – Campus de Araraquara

RESUMO

A sílaba é uma unidade basilar nos estudos fonológicos, pois funciona como unidade gramatical estruturadora do conhecimento fonológico e a ela cabe o papel central das representações fonológicas de um sistema linguístico e de como essa língua se organiza. Conhecer os padrões de silabação e os processos fonológicos desencadeados nas unidades suprasegmentais é fundamental para o estudo do ritmo da língua. A fim de verificar a produção e a percepção do português brasileiro quanto às sequências consonantais, o presente trabalho propôs a criação e disponibilização de uma lista com 49 vocábulos em língua portuguesa que contenham a estrutura em questão. A lista foi pronunciada por cinco informantes de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade que puderam julgar a quantidade de sílabas produzidas por eles mesmos durante a pronúncia da lista. Os resultados obtidos ilustram que a percepção silábica se apoia mormente na realização fonética acessada pela audição, mais do que na representação estrutural fonológica.

Palavras-chave: linguística; fonologia; sílabas; encontros consonantais; ritmo.

ABSTRACT

The syllable is a key element for phonological studies, for it works as a grammatical unit that structures the phonological knowledge of a language and it stands for the major task of phonological representations from linguistic systems and how the language is organized. Knowing the syllable patterns and the phonological processes triggered in the suprasegmental units is fundamental to the study of the rhythm of a language. In order to verify the production and perception of Brazilian Portuguese regarding consonant clusters, the present paper proposed the creation and availability of a list of 49 words in Portuguese that contain the consonantal structure in question. The list of words was pronounced by five informants of different age groups and education levels who were able to judge the number of syllables produced during the pronunciation of the list. The results illustrate that syllabic perception relies mainly on phonetic realization accessed through hearing, rather than on phonological structural representation.

Keywords: linguistics; syllable; consonant clusters; rhythm.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - representação das partes de intensificação, ápice e redução de intensidade sonora	12
Figura 2 - representação da estrutura silábica para a teoria segmental.....	13
Figura 3 - representação da estrutura silábica para a teoria métrica	14
Figura 4 - O molde silábico do português.....	19

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - padrões silábicos no português brasileiro	20
Quadro 2 - Esquema de distribuição de consoantes na estrutura silábica	21
Quadro 3 - Exemplo de variação silábica pela adição da vogal epentética.....	22
Quadro 4 - Exemplo de variação silábica por adição da vogal epentética [ɪ] ou [ə] ..	23
Quadro 5 - Distribuição de consoantes em encontros consonantais.....	23
Quadro 6 - Faixa etária dos informantes	25
Quadro 7 - Nível de escolarização dos sujeitos-voluntários	25
Quadro 8 - Detalhamento dos encontros consonantais quanto às suas formas de articulação	26
Quadro 9 - Indicação dos participantes quanto à quantidade de sílabas	27
Quadro 10 - Demonstração da pronúncia da palavra “aptidão”	27
Quadro 11 - Comparativo da quantidade de sílabas pronunciadas e percebidas pelo informante	28
Quadro 12 - Transcrição da pronúncia dos sujeitos-voluntários das palavras da lista	29
Quadro 13 - Variação no uso de róticas nos voluntários	30
Quadro 14 - Comparativo da quantidade de sílabas pronunciadas e percebidas	32
Quadro 15 - Demonstração de percepção silábica em variação de pronúncia de encontro consonantal	34

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1 Teoria da Sílabas.....	11
1.2 A Estrutura Silábica do Português	19
1.3 Encontros Consonantais.....	22
2. DESENVOLVIMENTO.....	24
2.1 Análise dos dados	25
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS.....	36
ANEXO A - Quadro Fonético Internacional - IPA.....	37
ANEXO B - Quadro fonético do português brasileiro	38

1. INTRODUÇÃO

Com vistas a contribuir para os estudos sobre elementos prosódicos do português brasileiro atual, abordando como processos segmentais relacionam-se e podem desencadear processos suprasegmentais provocados pela estrutura rítmica da língua, o presente trabalho objetiva analisar a produção e a percepção silábica no corpus selecionado a partir de encontros consonantais no português brasileiro. Como objetivo específico, o estudo intenta investigar se a percepção das estruturas silábicas é exclusivamente baseada pela realização fonética ou se a estrutura fonológica internalizada é ativa na compreensão das sílabas.

Apesar sua atestada relevância para os estudos fonológicos, a literatura sobre a sílaba demonstra a dificuldade de definição dessa estrutura. Mattoso Camara (1972), por exemplo, dentre outros estudiosos, dos quais citam-se Cagliari (2007) e Collischonn (1999), alude a esse “árduo problema” (MATTOSO, 1972 p.43) que passa por diversas definições, como sob a ótica da força expiatória (sob a força dinâmica), do encadeamento articulatorio da produção dos sons vocais (segundo os conceitos da sílaba articulatória), da tensão muscular originada pelo movimento das articulações (a sílaba intensiva, de Grammont (1933)) ou do que o autor chama de “jôgo da musculatura peitoral” (MATTOSO, 1972 p.43).

Collischonn (1999), em um capítulo no conjunto de estudos *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*, (BISOL, 1999) inicia seu texto apontando que apesar do conceito de sílaba não ser um tópico novo nos estudos fonológicos, a noção foi incorporada tardiamente à fonologia gerativa. A autora ainda expõe que na década de 70 discutia-se, ainda, a existência ou não do status fonológico da estrutura.

Para os estudos atuais, a sílaba constitui estrutura fundamental para os estudos fonológicos; Alves (ano, p.125), por exemplo, descreve a sílaba como “unidade mental de evidências inegáveis”. Tamanha é sua importância que a organização dos segmentos dentro das sílabas é algo intrínseco às línguas, que lhes é característico e particular, e que desenvolve importante papel tanto nos níveis inferiores quanto superiores de análise linguística.

Mattoso Camara (1972), ainda sobre a o papel fundamental exercido pela estrutura silábica, apresenta que os padrões de sílabas possíveis dentro de um sistema linguístico compõem um quadro fundamental das particularidades e da

identidade das línguas. De acordo com Jakobson, “não é, a bem dizer, o fonema, mas a sílaba que é a estrutura fonêmica elementar” (JAKOBSON, 1967, p.133 apud CAMARA, 1972, p.43). Sobre isso, Mori (2001) também aborda o assunto e explica que a sílaba pode ser compreendida como o pilar das representações fonológicas, uma vez que ela atua como a elemento básico responsável por apontar como um idioma é estruturado. Assim, a organização dos segmentos dentro das estruturas silábicas de uma dada língua orienta nossa consciência fonológica (FREITAS; SANTOS, 2001) e faz com que seja possível o reconhecimento de uma dada sequência segmental como pertencente a um sistema linguístico. Enquanto unidade gramatical estruturadora do conhecimento fonológico (FREITAS; SANTOS. 2001, p.69), a consciência fonológica também cumpre a função de orientar a capacidade de identificação da segmentação das palavras em sílabas ou em segmentos sonoros. As autoras argumentam que a sílaba, para além de unidade descritiva, constitui também uma unidade de processamento da informação linguística "activada em tarefas cognitivas, de reconhecimento da cadeia fonica".

O estudo, portanto, dos padrões silábicos e das regras fonológicas aplicáveis à essas estruturas fazem-se elementar para os estudos linguísticos acerca de uma língua, sendo relevante ainda para os estudos de unidades maiores de análise linguística.

A fim de atingir os objetivos de análise propostos, a metodologia desenvolvida propôs a criação e disponibilização de uma lista com 49 vocábulos em língua portuguesa que contenham a estrutura em questão. A lista foi pronunciada por cinco informantes de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade que puderam julgar a quantidade de sílabas produzidas por eles mesmos durante a pronúncia da lista.

A primeira parte do trabalho apresenta princípios importantes da literatura sobre a sílaba e suas tendências universais de preenchimento, abordando, também, os padrões silábicos do português. Posteriormente, apresenta-se no terceiro seção metodologia proposta para o estudo do *corpus*, seguida da análise dos dados coletados e dos resultados encontrados a partir do estudo da percepção silábica declarada pelos sujeito-voluntários. Por fim, a última etapa do estudo retoma as discussões desenvolvidas sobre a estrutura da sílaba e a sua relevância para o conhecimento fonológico das línguas e reitera o resultado obtido por meio estudo do proposto no trabalho.

1.1 Teoria da Sílabas

Sendo a fala um complexo processo profundamente dinâmico, a divisão dos segmentos que a compõem não se dá de forma em que os sons se sucedem de maneira distinta, mantendo todas as suas qualidades sonoras. De acordo com Cagliari (2007), essa modificação ocorre devido à rapidez, à complexidade e à continuidade dos movimentos articulatórios envolvidos no processo da fala, além do fato de essa capacidade ser executada inconscientemente pelos falantes. No entanto, esse processo pode tornar-se consciente sob a ótica da fisiologia, no qual os falantes podem perceber alguns desses procedimentos, caso esse, por exemplo, das sílabas, elementos que os sujeitos são capazes de perceber e sentir sua realização ideal; isto é, temos uma intuição sobre como as palavras devem ser segmentadas em sílabas, mesmo sem conseguirmos explicar o porquê dessa divisão.

Esse fenômeno pode ser fundamentado por meio da teoria desenvolvida por Stetson (1951, *apud* CAGLIARI, 2007) a qual qualifica a sílaba como produto dos músculos do aparelho fonador que alteram e adequam o fluxo respiratório para a produção da fala. Com isso, a saída de ar dos pulmões deixa de se realizar conforme é particular ao processo da respiração, ou seja, por meio de jatos contínuos, pois o ar é expelido em múltiplas golfadas curtas que “formam o suporte sobre o qual se montam os outros parâmetros da fala” (CAGLIARI, 2007, p.109). Dessarte, a sílaba atua como a categoria articulatória inicial sob a qual todos os enunciados, sem exceção, organizam-se, uma vez que funciona como o parâmetro que rege os produtos obtidos pelo aparelho fonador, ou seja, pela fala.

A segmentação da fala em sílabas seria, então, guiada por uma sensação cinestésica da ação dos músculos da respiração [...] A sílaba tem, pois, como consequência a formação de um processo aerodinâmico de corrente de ar que sai dos pulmões e que será responsável pela modulação acústica dos sons da fala ao passar pelas cavidades e canais do aparelho fonador (CAGLIARI, 2007, p. 109)

Essa estrutura fundamental, que organiza a produção dos enunciados, é também reconhecida pelo ouvinte do discurso; podemos dizer que ela é pressentida, e o interlocutor do diálogo consegue identificar as sílabas produzidas sequencialmente na fala, o que recebe o nome de empatia fonética (CAGLIARI, 2007, p.100): “o ouvinte pode de certo modo sentir na fala o que ouve a produção das sílabas do enunciado”.

Utilizando ainda a mesma obra de Cagliari (2007), podemos definir a sílaba como o produto de um esforço muscular originado no aparelho fonador no qual o ar expirado dos pulmões modulará os sons da fala ao passar pela cavidade oral. Essa força expiratória gerada nos pulmões pode ser analisada através de movimentos de intensificação e de redução de força. Distinguem-se, assim, três momentos na produção das sílabas - um primeiro momento de intensificação, seguido do pico dessa força para, então, a diminuição da potência da expiração do ar. Assim, compreende-se, portanto, que a sílaba possui três partes: uma parte central, seu núcleo; e duas posições periféricas, de aumento de e suavização da força expiratória, conforme ilustrado na imagem a seguir:

Figura 1 - representação das partes de intensificação, ápice e redução de intensidade sonora



Fonte: Cagliari (2007, p.111)

As diferentes partes da estrutura silábica, os constituintes silábicos, conforme se verá adiante, são preenchidas por diferentes segmentos. O núcleo silábico, o ápice de força, é preenchido por segmentos vocálicos, ao passo que sons consonantais localizam-se nas partes periféricas da sílaba. Os segmentos vogais e consoantes serão doravante representados com as respectivas letras V e C.

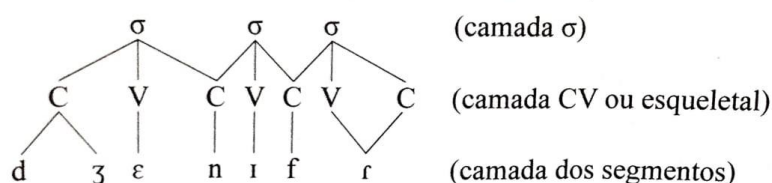
A caracterização das sílabas em termos representacionais, além da identificação de padrões de silabação das línguas, é trabalho do campo da Teoria da Sílaba.

Collischonn (1996) atenta para o fato de que não há unanimidade entre os linguistas quanto à estrutura interna desta unidade fonológica. São duas as principais teorias que buscam explicar sua organização interior - a teoria autosegmental e a teoria métrica.

A teoria segmental, desenvolvida por Kahn (1976, apud ALVES 2017), baseia-se na concepção autosegmental, a qual defende dois níveis independentes no interior da sílaba, uma primeira representando a estrutura como um todo, representada em ambas as abordagens pela letra grega sigma σ , e a segunda, que demonstra os segmentos que a preenchem e a ela estão imediatamente conectadas. Uma vez que seus segmentos estão diretamente ligados à sílaba, esse modo de representação não prevê uma estrutura hierarquizada entre os elementos.

Figura 2 - representação da estrutura silábica para a teoria segmental

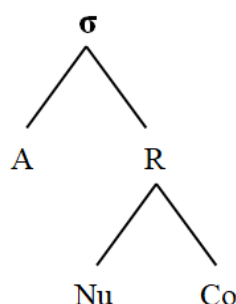
Figura 2 – Estrutura representacional da sílaba proposta por Clements e Keyser (1983) para a palavra ‘Jeniffer’ (Alves e Keller, 2010: 59)



Fonte: Alves (2017, p.128)

Para a teoria métrica (SELKIRK 1982) as sílabas são estruturadas e seus diferentes níveis organizam-se em hierarquias. De acordo com essa teoria, a sílaba é constituída de um ataque (A) e de uma rima (R), a rima, por sua vez, compõem-se em um núcleo (N) e em uma coda (C). Qualquer dos constituintes, com exceção da rima, podem ser vazios. Dado sua estrutura hierarquizada, essa “representação garante uma maior inter-relação entre as unidades Núcleo e Coda, frente ao Ataque” (ALVES, 2019, p. 128). A ilustração a seguir mostra como são organizados os constituintes silábicos para a teoria métrica:

Figura 3 - representação da estrutura silábica para a teoria métrica



Fonte: Collischonn (1999, p.92)

Antes de explorar a estrutura representacional da sílaba do português, é necessário analisar as tendências de organização particulares dentro da estrutura silábica das línguas naturais, bem como aspectos universais de silabação que regem a relação entre os segmentos. O estudo da organização interna da estrutura silábica das línguas é objeto da Teoria da Sílaba.

A Teoria da Sílaba, de acordo com Alves (2017, p.125), é o “arcabouço teórico” de hipóteses a respeito das estruturas representacionais, dos processos de silabação das línguas e dos aspectos universais de ordenação dos segmentos.

Tópico fundamental para a Teoria da Sílaba é discussão do status fonológico da sílaba, como uma “entidade mental” (ALVES, 2017, p.125) parte integrante do sistema fonológico e que, por isso, participa e exerce influência no sistema organizacional e significativo das línguas. Freitas e Santos (2009, p.69, grifos nossos) defendem que a sílaba funciona como “unidade gramatical *estruturadora* do conhecimento fonológico”, conhecimento esse que rege todo nosso conhecimento linguístico. Uma exemplificação desse conhecimento pode ser observado em relação a seleção de fonemas específicos que falantes de variantes diferentes utilizam em suas falas: “Esta capacidade que os falantes têm de manipular os formatos fonéticos dos seus enunciados decorre do seu conhecimento fonológico” (FREITAS, SANTOS; 2009, p.15).

Alves (2017), igualmente defensor da função fonológica da estrutura sílaba, também discute a variação linguística exercida por falantes como evidência de valor fonológico. Na língua portuguesa, os exemplos de vocábulos “cheio” e “seio” funcionam como pares mínimos, uma vez que a alteração de apenas um segmento

sonoro faz que com reconheçamos essas duas palavras como parte do vocabulário de língua portuguesa, além de as reconhecermos como itens lexicais distintos. A análise fonética nos apresentará, portanto, que os fonemas /s/ e /ʃ/ são segmentos do português, dado a criação de palavras diferentes no contexto citado. No entanto, como explicar o valor desses mesmos segmentos no seguinte contexto linguístico: o vocábulo “pasta”, a depender da variação linguística dos falantes, pode ser pronunciado como “pa[s]ta” ou “pa[ʃ]ta”. Apesar da variação dos fonemas, não há diferença distintiva entre os vocábulos, que são compreendidos como o mesmo elemento lexical. Nesse contexto, os segmentos são compreendidos como alofônicos.

O exemplo discutido permite-nos analisar que o fenômeno da distinção, portanto, não reside no nível fonético, pois não é o segmento em si que carrega a distinção como característica intrínseca; mas que é a posição que esse ocupa no interior da palavra que lhe atribui essa função distintiva. É no nível superior de análise linguística que o fenômeno da distinção ocorre, pois, a partir da posição que o segmento ocupa na organização interna do vocábulo em língua portuguesa que determina distinção ou alofonia. Em outras palavras, é por meio da fonologia da língua portuguesa e de suas regras de formação das sílabas que reconhecemos palavras do nosso sistema lexical e suas possíveis variações.

Sobre a função da fonologia das línguas, Freitas e Santos (2009, p.19) a definem como a parcela da gramática que estabelece o reservatório de informações sobre o formato fônico dos enunciados e que exercem as seguintes atribuições: (i) [...] descrever o conhecimento linguístico que leva os falantes a exercerem juízos de valor sobre enunciados de fala da sua língua e (ii) em definir o que leva alguns sujeitos a produzirem formatos fonéticos considerados agramaticais", ou seja, organizações fonéticas que não estão incluídas no sistema linguístico das línguas e que, por isso, não são reconhecidas por seus falantes.

As unidades de análise fonológica obedecem a uma hierarquia que vai do segmento a unidades maiores, chamadas de unidades suprasegmentais, em que unidades prosódicas estão acima dos elementos segmentais:

segmento - sílaba - palavra - grupo acentual - grupo entoacional - enunciado
--

Em relação à localização da sílaba dentro da ordenação das unidades fonológicas, as autoras chamam atenção para o fato de a sílaba ser constituída por

segmentos gramaticais de um nível inferior, que se agrupam em constituintes silábicos hierarquicamente organizados:

No caso específico da sílaba, assume-se que esta é constituída por unidades de um nível gramatical inferior: as sílabas são constituídas por segmentos, agrupados de forma não aleatória. O modo como os segmentos se organizam dentro das sílabas faz com que reconheçamos uma determinada sequência segmental como uma palavra dentro de um dado sistema linguístico (FREITAS; SANTOS, 2009, p. 19)

Para Alves (2017), outro indício do aspecto fonológico da sílaba repousa em seu vínculo, também, com unidades suprasegmentais, como, por exemplo, na importância do padrão silábico para o acento em língua portuguesa em sílabas finais pesadas, como em “Bra.’sil”. “De fato, a sílaba é, inclusive, um dos domínios da escala prosódica” (p. 126). Em vista disso, padrões silábicos são fundamentais para os sistemas linguísticos.

Além de teorias para sua estrutura representacional, há também abordagens que buscam descrever o mecanismo de preenchimento dos segmentos na organização silábica das línguas. Para este trabalho, citam-se 3 enfoques de silabação: abordagem baseada em regras, abordagem baseada em moldes silábicos (*templates*) e abordagem baseada em restrições, conforme abordado em Alves (2017).

A abordagem baseada em regras (KAHN, 1976; CLEMENTS; KEYSER, 1983 apud ALVES, 2017), advém da tradição gerativa, e define que a posição silábica a ser preenchida realiza-se por meio de regras de atribuição de um determinado segmento para determinada posição: em primeiro lugar, preenche-se o núcleo, para, em seguida, preencher-se o *onset* e, enfim, a coda. A abordagem baseada em moldes silábicos, por sua vez, estabelece que o preenchimento das posições silábicas acontece por meio de modelos pré-definidos para a língua em questão. Esse modelo tem “a função de formalizar quais estruturas silábicas são passíveis de ocorrer, e quais não são possíveis, em um determinado sistema” (p. 129). Assim, as línguas possuem *templates*, padrões silábicos nos quais seu sistema fonológico é fundamentado. Por fim, ainda que não seja uma teoria representacional, os linguistas concebem a abordagem baseada em restrições, concebida por meio da Teoria da Otimização, OT, em que a sílaba é analisada segundo interações de restrição universal “que digam respeito a tal unidade prosódica, em interação com outros elementos linguísticos”

(ALVES, 2017, p.130), representando restrições analisadas em teorias de silabação anteriores à OT. Segundo Schwindt e Collischon (2017), a Teoria da Otimidade reinterpreta as regras dos chamados *inputs* e *outputs* da fonologia gerativa.

Conceito também imprescindível para o preenchimento das posições da estrutura interna da sílaba para além das abordagens de representação são as chamadas tendências universais de silabação. Essas tendências interpretam princípios comuns dos quais as línguas naturais seguem em seus padrões silábicos. Alves (2017) chama a atenção para a função substancial exercida pela sonoridade, uma vez que é possível por meio da escala de sonoridade analisar padrões intrasilábicos e intersilábicos das línguas. A escala de sonoridade refere-se à potência de sonoridade que os segmentos apresentam, seguindo do mais ao menos sonoro, conforme a ordem que se segue: vogais > glides > líquidas > nasais > obstruintes (plosivos). A partir dessa escala, linguistas apresentaram princípios relacionados à sonoridade que podem ser observados em um significativo número de línguas (ALVES, 2017), o Princípio de Sequência de Sonoridade e a Lei de Contato Silábico.

De acordo com o Princípio de Sequência de Sonoridade, a sonoridade no interior da sílaba cresce em direção ao núcleo e decresce a partir dele, sendo o núcleo o pico de intensidade sonora, conforme já citado anteriormente na representação da estrutura silábica apresentada por Cagliari (ano). Assim, a posição interna que um segmento pode ocupar dentro da estrutura silábica é delimitada de acordo com sua sonoridade. Ocupando os elementos de níveis inferiores da escala as posições periféricas da sílaba, enquanto os elementos mais sonoros se posicionam em torno do núcleo. O núcleo, sendo o pico de sonoridade, é preenchido pelos segmentos de mais alto nível na escada. Decorre daí a vogal como centro da sílaba, tradicionalmente, e as consoantes nas posições de *onset*, ou ataque, e coda. Esse princípio também fundamenta as regras de disposição de ataques e codas complexas, nos quais há nos ataques acréscimo de sonoridade entre os elementos da margem inicial da sílaba e diminuição nos segmentos da coda (ALVES, 2017). Como exemplo de aplicação desse conceito, Alves (2017) cita a famosa sequência consonantal no vocábulo “aptidão”, no qual surge o seguinte problema: a construção silábica da palavra apresenta-se como “ap.ti.dão” ou “a.pti.dão”? Excluindo, por enquanto, a noção de vogal epentética para o português brasileiro, de acordo a progressão de sonoridade que deve haver em direção ao núcleo, não é possível que a palavra citada seja escandida como “a.pti.dão”, pois isso resultaria em um *plateaux* de sonoridade,

isto é, a realização de segmentos de um mesmo nível na escala de sonoridade em uma mesma posição dentro da sílaba, já que os segmentos [p] e [t] são ambos sons plosivos. Com isso, é possível analisar que a língua portuguesa segue o Princípio de Sequência de Sonoridade ao evitar construções como a citada anteriormente. O autor ainda apresenta como contraste exemplos da língua inglesa que não satisfazem aos moldes ditados pelo princípio, como na coda das palavras *apt* e *act*.

Relacionada à Sequência de Sonoridade, o Princípio de Ciclo de Soância dita que a sonoridade no interior da sílaba aumenta rigorosamente em direção do ataque ao núcleo e diminui minimamente do centro até a coda. Dessa forma, “uma coda com soante, por exemplo, tende a ser mais harmônica do que uma com plosiva”. “[...] o português, ao proibir plosivas em coda final, tende a obedecer a esse princípio” (ALVES, 2017, p.131). Esse fenômeno pode ser visualizado na incorporação de palavras estrangeiras no português brasileiro com plosivas em posição de coda, no qual ocorre a famosa vogal epentética, isto é, um som vocálico que preenche a posição de coda a fim reorganizar a estrutura de acordo com os padrões fonológicos do sistema do português brasileiro. Observe o vocábulo inglês *internet*, que é pronunciado como [in.ter.'ne.tʃə].

Por fim, a **Lei do Contato Silábico** (Murray e Vennemann, 1983) prevê que, em relação a sequências consonantais intersilábicas, a coda da sílaba precedente deve ter um valor mais alto na escala de sonoridade do que o primeiro elemento (seguimento) da sílaba seguinte.

É importante enfatizar que os princípios universais representam tendências de preenchimento silábico comuns entre as línguas, mas que podem não ser cumpridas em alguns casos, o que contribui para melhor evidenciar diferenças entre as línguas.

No tocante aos padrões de preenchimento silábicos, a fonologia das línguas apresenta moldes (ou estruturas silábicas). Esses moldes podem ser universais, pois estão presentes na maioria das línguas, ou podem representar especificidades de dados sistemas linguísticos. A sílaba CV, por exemplo, é um exemplo do primeiro tipo de molde citado, já que é um padrão preenchido por um grande número de sistemas linguísticos. Esse molde, a título de curiosidade, é uma das primeiras sílabas produzidas no processo de aquisição de linguagem pela criança, dado seu padrão de articulação. Um exemplo que ilustra uma estrutura específica de um sistema linguístico é o padrão CCC em posição de ataque possível na língua inglesa, como por exemplo na palavra “spr.ing”.

Alves (2019, p.132) aborda a funcionalidade dos moldes silábicos para estabelecer os possíveis padrões de segmentos que podem preencher cada constituinte silábico, as sequências segmentais possíveis e indispensabilidade das posições de ataque ou codas nos sistemas linguísticos:

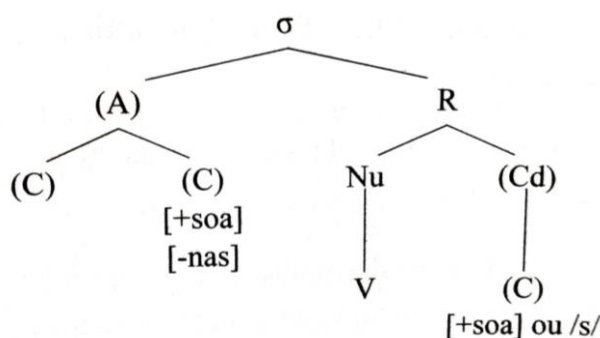
Conforme explica Selkirk (1982), é tarefa do *template* expressar não somente o padrão da língua o padrão da língua a partir dos tipos de segmentos que ocuparão cada posição da sílaba, mas também as sequências segmentais, e, ainda, o caráter opcional dos segmentos ou dos grupos de segmentos em cada uma dessas posições silábicas (tal como a obrigatoriedade do núcleo e a opcionalidade de segmentos *onset* e coda, por exemplo)

A partir desse ponto, discutiremos o padrão silábico do português apresentado por Collischon (1999), Mattoso Camara (1972) e Cagliari (2007).

1.2 A Estrutura Silábica do Português

Collischon (1999, p.133) em seu estudo intitulado “A sílaba em português” apresenta o molde silábico proposto por Bisol (2013).

Figura 4 - O molde silábico do português



Fonte: Alves (2017, p.133)

Alves (2019, p.133) sumariza as informações que podem ser lidas no *template* desenvolvido pela autora: “(i) A sílaba do português tem estrutura binária, representada pelos constituintes ataque e rima, dos quais apenas a rima é obrigatória”; “(ii) A rima também tem estrutura binária, núcleo e coda. O núcleo é

sempre uma vogal, e a coda é uma soante ou /S/”; “ (iii) O ataque compreende ao máximo dois segmentos, o segundo dos quais é uma soante não nasal”.

Como se pode observar, o molde proposto pela linguista e interpretado por Alves (2019) demonstram a organização binária da estrutura, dividida entre os constituintes *onset*, ou ataque (A), e rima (R). Os parênteses que limita os constituintes demonstram sua opcionalidade; assim, apenas a rima é de caráter obrigatório. A rima é, por sua vez, comporta pelo núcleo, obrigatório, já discutido anteriormente, e uma coda, opcional. O ataque pode também ser ramificado quando apresenta mais de um segmento organizados hierarquicamente.

Sobre as possibilidades dos tipos de segmentos que podem ocupar cada um desses espaços na estrutura silábica, Cagliari (2007) apresenta a distribuição desses elementos no molde do português.

Quadro 1 - padrões silábicos no português brasileiro

Padrão silábico	Exemplo	Forma ortográfica	
V	[ɛ]	é	(M)
	[eω]	eu	(D)
C V	[pɛ]	pé	(M)
C V	[teω]	teu	(D)
	[kωaω]	qual	(T)
C C V	[kru]	cru	(M)
	[kreω]	creu	(D)
V C	[ɛs]	és	(M)
	[eis]	eis	(D)
V C C	[xu'ʔɲs]	ruins	(M)
	[le'õĩɲ]	leões	(D)
C V C	[pɛs]	pés	(M)
	[teωs]	teus	(D)
	[kωais]	quais	(T)
C V C C	[perspekutiva]	perspectiva	(M)
	[mẽĩɲs]	mães	(D)
	[sa'gõõĩɲs]	saguões	(T)
C C V C	[ˈplastikω]	plástico	(M)
	[ũm'brais]	umbrais	(D)
C C V C C	[trẽĩɲs]	trens	(M)
	[kɔ'brõĩɲs]	cobrões	(D)

Fonte: Cagliari (2007, p.116)

De acordo com o autor, o português apresenta 10 padrões silábicos, a saber CV, CV (núcleo com vogal e semivogal), CCV, V, VC, VCC, CVCC, CCV, CCVCC,

ilustrados no esquema acima, com exemplos escritos em sua forma fonética e ortográfica e com a indicação de monotongo (M), ditongo (D) ou tritongo (T).

A distribuição dos segmentos consonantais se dá da seguinte forma:

V: Nesse padrão, a posição é preenchida por qualquer segmento fonético vocálico. As posições vocálicas em outros padrões complexos são preenchidas seguindo o mesmo princípio. O autor esclarece que na ausência de sons vocálicos, a posição do núcleo pode ser preenchida por ¹consoantes contínuas para a articulação da sílaba; no entanto, esses casos são raros em português.

CV: O segmento consonantal pode ser ocupado por todos os sons consonantais quando não em fronteira, isto é, no meio do vocábulo. No contexto fonológico de início de palavra, não se realiza o som tepe [r]. Laterais [ʎ, l] e nasais palatais [ɲ, ỹ] pouco ocorrem, sendo limitadas à estrangeirismos, como em “nhoque” (vindo do italiano *gnocchi*), produzido como [no.kɪ].

CCV: A posição C2, ou seja, a segunda consoante do padrão, pode ser preenchida por tepe [r] ou lateral alveolodental [l]. Se tepe, C1 pode ser uma oclusiva [p, b, t, d, k, g] ou fricativa labiodental [f, v]. Ao caso de C2 ser uma lateral alveolodental, C1 poderá ser oclusiva, exceto oclusiva alveodental sonora [d], ou poderá ser a fricativa labiodental surda [f]. Disso, tem-se o seguinte esquema de distribuição:

Quadro 2 - Esquema de distribuição de consoantes na estrutura silábica

C ₁	C ₂	V
p, b, t, d, k, g, f, v	r	V
p, b, t, k, g, f	l	V

Fonte: Cagliari (2007, p.117)

VC: Nesse caso, C pode ser realizada por uma fricativa alveolar [s, z] ou palatoalveolar [ʃ, ʒ], ou, ainda, uma nasal [N], ou rótica [R], a depender do dialeto falado.

VCC: C3 poderá ser uma nasal palatal ou velar [ɲ, ỹ] ou um dos sons do [R]. C4 sempre será uma fricativa alveolar ou palatoalveolar, dependendo do dialeto. O

¹ Segundo Cagliari (2007), as consoantes silábicas são consoantes não-plosivas realizadas como constrictivas, como as nasais, laterais e vibrantes. Ex.: [ʃ], [l].

autor aponta que a ocorrência desse padrão é restrita a um limitado número de palavras da língua, como é o caso de *perspectiva*, por exemplo.

Os quadros fonéticos do IPA e o quadro fonético do português brasileiro, desenvolvido pela pesquisadora Thaís Cristófaró Silva, podem ser consultados no Anexo A e Anexo B na seção apropriada.

1.3 Encontros Consonantais

Outra matéria fundamental para a compreensão da sílaba portuguesa é a possibilidade de ocorrência de uma vogal átona [ɪ] entre encontros consonantais, o que gera reorganização silábica. Para Cagliari (2007, p.118), essa possibilidade de reorganização dos encontros consonantais em duas sílabas diferentes pode ser considerada um exemplo de que alguns vocábulos do português não possuem forma fonética fixa. Com isso, essa variação é exposta na pronúncia dos falantes. Eis alguns exemplos levantados pelo autor que demonstram essa variação de formação silábica dado a ocorrência ou não da vogal átona e breve:

Quadro 3 - Exemplo de variação silábica pela adição da vogal epentética

Forma ortográfica	Com a vogal adicionada	Sem a vogal adicionada
Apto	[ˈa.pi.t̪ɨ]	[ˈap.t̪ɨ]
Lápis	[ˈla.pis]	[laps]

Adaptado de: Cagliari (2007, p.118)

Como é possível observar pela tabela acima, a adição da vogal epentética reorganiza a formação silábica de modo que as palavras possuem uma sílaba a mais: [ˈa.pi.t̪ɨ] (3), [ˈap.t̪ɨ] (2). Além disso, a depender do contexto fonológico, a vogal pode também realizar-se com qualidade mais baixa e central, o som “schwa” [ə] quando precedida por oclusiva velar [k, g] e seguida por oclusiva alveodental surda [t] ou nasal alveodental [n, ɲ], como nos exemplos que se seguem:

Quadro 4 - Exemplo de variação silábica por adição da vogal epentética [ɪ] ou [ə]

Forma ortográfica	Vogal [ɪ]	Vogal [ə]
Compacto	[kõm.'pa.kɪ.t̪ʊ]	[kõm.'pa.kə.t̪ʊ]

Adaptado de: Cagliari (2007, p.118)

Os casos de reorganização de encontros consonantais ocorrem quando essa vogais átonas [ɪ,ə] realizam-se entre consoante oclusiva, nasal bilabial ou fricativa alveolar surda seguida de outra consoante. Os esquemas abaixo apresentam as distribuições possíveis de encontros consonantais no português:

Quadro 5 - Distribuição de consoantes em encontros consonantais

b	+	p, t, d, k, m, n, s, z, x, ʒ, v, l
p	+	t, s
d	+	m, v, ʒ
t	+	m
k	+	t, s, n
g	+	m, n
m	+	n
f	+	t

Fonte: Cagliari (2007, p.117)

2. DESENVOLVIMENTO

A sílaba, conforme já apresentado anteriormente, é um elemento fundamental para os estudos fonológicos, uma vez que funciona como estrutura gramatical que organiza o conhecimento fonológico das línguas. Assim, os falantes utilizam-se desse conhecimento que possuem, mesmo que inconscientemente, para embasar unidades maiores, ou seja, a fala.

Tem-se, portanto, dois olhares ao voltar-se para o estudo da fala de acordo com a discussão desenvolvida. O primeiro diz respeito à estrutura fonética, isto é, da aplicação dos segmentos sonoros do português na formação dos vocábulos da língua; a segunda maneira de análise volta-se para o viés da fonologia, da organização sistêmica dos segmentos e das variações ocorridas dado os contextos fonológicos.

A fim de investigar se a produção e percepção das estruturas silábicas é exclusivamente baseada pela realização fonética ou se estrutura fonológica internalizada é ativa na compreensão das sílabas, o presente estudo objetiva apresentar a proposta e os resultados do teste de pronúncia e avaliação feitos pelos falantes sobre uma lista de 49 vocábulos em língua portuguesa. A lista utilizada pode ser conferida a seguir:

- | | | |
|----------------|------------------|-----------------|
| 1. verde | 15. maligno | 29. esmiuçar |
| 2. Praia | 16. esfregar | 30. Absurdo |
| 3. escovar | 17. esconder | 31. Dia |
| 4. Maresia | 18. escandalizar | 32. sublocação |
| 5. esclarecer | 19. Voo | 33. Mágoa |
| 6. absoluto | 20. Moinho | 34. Pneu |
| 7. convicção | 21. escanear | 35. pode |
| 8. extravasar | 22. Tênu | 36. Afta |
| 9. Gratuito | 23. Afoito | 37. compreender |
| 10. esbarrar | 24. compactar | 38. Admirar |
| 11. significar | 25. esmagar | 39. chocolate |
| 12. Afiado | 26. Meigo | 40. Cooperar |
| 13. esgueirar | 27. pote | 41. Rádio |
| 14. aptidão | 28. Gnomo | 42. Psicologia |

43. Série

46. Goiaba

49. Advertir

44. Goela

47. Amnésia

45. abnegar

48. Lápis

A formação da lista de palavras levou em consideração vocábulos com encontros consonantais a fim de testar a produção e a percepção dos falantes quanto ao número de sílabas produzidas em cada leitura. Outras palavras foram adicionadas somente com o propósito de não deixar evidente para os voluntários o tema da pesquisa. Cada integrante pronunciou a lista três vezes, com o objetivo de induzir, ao máximo possível em um contexto de produção controlada, uma pronúncia mais natural, mais próxima de fala não monitorada.

O *corpus* selecionado é composto por gravações realizadas com 5 informantes de diferentes faixas etárias e níveis de formação, todos falantes nativos de língua portuguesa, conforme o quadro abaixo:

Quadro 6 - Faixa etária dos informantes

Número de voluntários	Faixa etária
1	1-18 anos
3	18 - 30 anos
2	30 - 50 anos

Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Quadro 7 - Nível de escolarização dos sujeitos-voluntários

Número de voluntários	Nível de ensino
1	Ensino médio
4	Ensino superior

Fonte: elaborado pelo autor (2023)

2.1 Análise dos dados

O quadro a seguir registra os encontros consonantais analisados na lista de vocábulos e seu detalhamento quanto às suas formas de articulação.

Quadro 8 - Detalhamento dos encontros consonantais quanto às suas formas de articulação

oclusiva + oclusiva	bilabial + dental	<i>aptidão</i>
		<i>captar</i>
	velar + dental	<i>compactar</i>
oclusiva + fricativa	bilabial + alveolar	<i>absoluto</i>
		<i>absurdo</i>
		<i>psicologia</i>
	dental + labiodental	<i>advertir</i>
	velar + alveolar	<i>convicção</i>
oclusiva + lateral	bilabial + dental	<i>sublocação</i>
fricativa + oclusiva	labiodental + dental	<i>afta</i>
oclusivo + nasal	bilabial + dental	<i>pneu</i>
		<i>abnegar</i>
	alveolar + bilabial	<i>admirar</i>
	velar + dental	<i>gnomo</i>
nasal + nasal	bilabial + dental	<i>amnésia</i>

Fonte: elaborado pelo autor (2023)

A fim de comparar o julgamento dos informantes quanto ao número de sílabas de cada vocábulo analisado, a tabela abaixo apresenta o número indicado, contendo também as variações apontadas pelos voluntários:

Quadro 9 - Indicação dos participantes quanto à quantidade de sílabas

Palavra	Quantidade de sílabas
Aptidão	3
Captar	2
Compactar	3 - 4
Absoluto	4 - 5
Absurdo	3
Psicologia	4 - 5
Advertir	3 - 4
Convicção	3 - 4
Sublocação	4
Afta	2
Gnomo	2
Pneu	1
Abnegar	3
Admirar	3
Amnésia	3 - 4

Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Apresenta-se, a seguir, a pronúncia do informante número 1 das palavras analisadas. É possível perceber a presença da vogal breve átona [ɪ] separando os encontros consonantais, o que causa, citando novamente Cagliari (2007), a variação fonética dos vocábulos e a reorganização silábica à partir da distribuição fonotática dos segmento C e V.

Quadro 10 - Demonstração da pronúncia da palavra “aptidão”

Sem a pronúncia de [ɪ]	Pronúncia de [ɪ]
[Ap.tʃi.dão]	[A.pi.tʃi.dão]

Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Dessa forma, com a presença vogal átona breve, tem-se também modificação no número de sílabas pronunciadas: [Ap.tʃi.dão], 3 sílabas; [A.pi.tʃi.dão], 4 sílabas. O mesmo também ocorre na percepção de todas as palavras da lista:

Quadro 11 - Comparativo da quantidade de sílabas pronunciadas e percebidas pelo informante

Vocábulo	Pronúncia	Sílabas pronunciadas	Quantidade de sílabas (segundo o informante)
1. absoluto	[a.bi.so.'lu.tu]	5	4
2. convicção	[kõ.vi.ki.'sẽũ]	4	3
3. aptidão	[a.pi.tʃi.'dẽũ]	4	3
4. captar	[ka.pi.'ta]	3	2
5. compactar	[kõ.pa.ki.'ta]	4	3
6. gnomo	[gi.'nõ.mu]	3	2
7. absurdo	[a.bi.suɹ.du]	4	3
8. sublocação	[su.bi.lo.'ka.sẽũ]	5	4
9. pneu	[pi.'neũ]	2	1
10. afta	['a.fi.ta]	3	2
11. admirar	[a.di.'mi.ra]	4	3
12. abnegar	[a.bi.'ne.ga]	4	3
13. amnésia	[a.mi.'nɛ.ziã]	4	3
14. psicologia	[pi.si.ko.lo.ʒiã]	5	4
15. advertir	[a.di.veɹ.ti]	3	4

Fonte: elaborado pelo autor (2023)

O próximo quadro demonstra a comparação da pronúncia de todos os voluntários.

Quadro 12 - Transcrição da pronúncia dos sujeitos-voluntários das palavras da lista

Vocábulo	Inform. 1	Inform. 2	Inform. 3	Inform. 4	Inform. 5
1	[a.bi.so.'lu.tu]	[ab.so.'lu.tu] (1) [a.bi.so.'lu.tu] (2)	[a.bi.so.'lu.tu]	[a.bi.so.'lu.tu]	[a.bi.so.'lu.tu]
2	[kõ.vi.ki.'sẽũ]	[kõ.vi.ki.'sẽũ]	[kõ.vi.ki.'sẽũ]	[kõ.vi.ki.'sẽũ]	[kõ.vi.ki.'sẽũ]
3	[a.pi.tʃi.'dẽu]	[ap.tʃi.'dẽu] (1) [a.pi.tʃi.'dẽu] (2)	[a.pi.tʃi.'dẽu]	[a.pi.tʃi.'dẽu]	[a.pi.tʃi.'dẽu]
4	[ka.pi.'ta]	[ka.pi.'ta]	[ka.pi.'tar] (1) [ka.pi.'ta] (2)	[ka.pi.'ta] (2) [ka.pi.'tar] (1)	[ka.pi.'ta]
5	[kõ.pa.ki.'ta]	[kõ.pa.ki.'ta]	[kõ.pa.ki.'ta] (2) [kõ.pa.ki.'tar] (1)	[kõ.pa.ki.'ta]	[kõ.pa.ki.'ta]
6	[gi.'nõ.mu]	[gi.'nõ.mu]	[gi.'nõ.mu]	[gi.'nõ.mu]	[gi.'nõ.mu]
7	[a.bi.suɪ.du]	[a.bi.suɪ.du]	[a.bi.'suɪ.du] [a.bi.'sur.du]	[a.bi.'suɪ.du]	[a.bi.suɪ.du]
8	[su.bi.lo.'ka.s ẽu]	[su.bi.lo.'ka.s ẽu]	[su.bi.lo.'ka.s ẽu]	[su.bi.lo.'ka.s ẽu]	[su.bi.lo.'ka.s ẽu]
9	[pi.'neũ]	[pi.'neũ]	[pi.'neũ]	[pi.'neũ]	[pi.'neũ]

Continua...

10	[ˈa.fi.ta]	[ˈaf.ta] (2) [ˈa.fi.ta] (1)	[ˈa.fi.ta]	[ˈa.fi.ta]	[ˈa.fi.ta]
11	[a.di.ˈmi.rau]	[a.di.ˈmi.rau]	[a.di.ˈmi.rau] (1) [a.di.ˈmi.rar] (2)	[a.di.ˈmi.rau]	[a.di.ˈmi.rau]
12	[a.bi.ˈne.gau]	[a.bi.ˈne.gau]	[ab.ˈne.gar] (1) [a.bi.ˈne.gar] (2)	[ab.ˈne.gar] (1) [a.bi.ˈne.gar] (2)	[a.bi.ˈne.gau]
13	[a.mi.ˈnɛ.zi.ɐ]	[a.mi.ˈnɛ.zi.ɐ]	[am.ˈnɛ.zi.ɐ] (1) [a.mi.ˈnɛ.zi.ɐ] (2)	[am.ˈnɛ.zi.ɐ] (1) [a.mi.ˈnɛ.zi.ɐ] (2)	[a.mi.ˈnɛ.zi.ɐ]
14	[pi.si.ko.lo.ʒi.a]	[pi.si.ko.lo.ʒi.a]	[pi.si.ko.lo.ˈʒi.a]	[pi.si.ko.lo.ˈʒi.a]	[pi.si.ko.lo.ʒi.a]
15	[a.di.veɪ.tiu]	[a.di.veɪ.tiu]	[a.di.veɪ.tiu] (1) [a.di.ver.tir] (2)	[a.di.veɪ.tiu]	[a.di.veɪ.tiu]

Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Em relação à pronúncia da lista, a comparação permite-nos observar que as palavras de número 6, 8, 9 e 14, ou seja, *gnomo*, *sublocação*, *pneu*, e *psicologia*, foram pronunciadas da mesma forma entre todos os voluntários. Algumas palavras variaram em relação a segmentos específicos, mas que não estão sendo analisados na pesquisa proposta. Esse é o caso das palavras de número 4, 7, 11, 12 e 15, no qual houve inconsistência do uso do som rótico. Enquanto em algumas palavras os informantes 3 e 4 utilizaram o segmento esperado para o interior do estado de São Paulo, o retroflexo [ɻ], em outras, foi o tepe [r] o pronunciado. A variação nas palavras destacadas a seguir demonstra a inconsistência:

Quadro 13 - Variação no uso de róticas nos voluntários

Informante 3	Pronúncia
Advertir	[a.di.veɪ.tiu] (1) [a.di.ver.tir] (2)

Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Apesar dos sons róticos não serem objeto nesse trabalho, esse exemplo ajuda a demonstrar o contexto controlado da pesquisa, no qual os voluntários 3 e 4, ao monitorarem sua fala, pronunciaram o som rótico associado com maior prestígio social, típico, por exemplo, da região metropolitana de São Paulo, enquanto o som retroflexo é conhecido como o “R caipira”. Ao mesmo tempo, o exemplo também mostra que apesar da tentativa de monitoramento da fala, ambos os participantes também utilizaram o som retroflexo na mesma palavra em pelo menos uma das 3 pronúncias, o que revela que com a repetição da palavra esse monitoramento foi afrouxado e permitiu a pronúncia mais natural dos vocábulos, de acordo com o conhecimento fonológico internalizado dos voluntários. Os informantes 3 e 4 representam no *corpus* consultado a faixa etária acima dos 30 anos e estão divididos entre os dois níveis de escolaridade apontados.

O monitoramento da fala também pode ser utilizado como hipótese para os casos observados no voluntário 2. Há, para o mesmo informante, momentos em que a vogal breve átona é utilizada enquanto em outros ela não é pronunciada. Observe o exemplo da palavra *aptidão*, analisada de duas maneiras: [ap.tʃi.'dẽ̃ʊ] (1); [a.pi.tʃi.'dẽ̃ʊ] (2). Apesar da não ocorrência da vogal em uma das falas, o número de ocorrências do segmento é superior às vezes que ele não foi pronunciado. O mesmo pode ser observado no mesmo informante com as palavras *absoluto* e *afta* e ainda em *abnegar* e *amnésia* nos participantes 3 e 4, demonstrando também que, apesar do monitoramento devido ao contexto da gravação, ainda assim é possível analisar momentos de fala espontânea dos informantes.

Com isso, nos dados analisados, a ocorrência da vogal epentética aconteceu em 218 pronunciamentos das palavras da lista, enquanto em apenas 7 delas o segmento não foi adicionado, representando 3,11% do total.

Analisados os casos específicos, a identificação dos sujeitos da pesquisa sobre o número de sílabas que eles pronunciaram em cada vocábulo também atestam um fato interessante na fonologia das línguas. De acordo com o julgamento dos participantes, o número de sílabas pronunciadas por eles foi sempre inferior ao que eles de fato produziram, conforme pode ser verificado abaixo. Por meio das colunas, a tabela mostra, consecutivamente, o vocábulo (A), o número de sílabas indicado pelos falantes (B) e, em seguida, o número de fato produzido por eles (C); os números indicam os falantes (ex. B1, lê-se “números de sílabas pronunciadas pelo voluntário 1):

Quadro 14 - Comparativo da quantidade de sílabas pronunciadas e percebidas

A	B1	C1	B2	C2	B3	C3	B4	C4	B5	C5
absoluto	5	5	4	4 (1) 5 (2)	4	5	4	5	4	5
convicção	4	4	3	4	3	4	3	4	3	4
aptidão	3	4	3	3 (1) 4 (2)	3	4	3	4	3	4
captar	2	3	2	3	2	3	2	3	2	3
compactar	4	4	3	4	3	4	3	4	3	4
gnomo	2	3	2	3	2	3	2	3	2	3
absurdo	3	4	3	3 (1) 4 (2)	3	4	3	4	3	4
sublocação	4	5	4	5	4	5	4	5	4	5
pneu	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2
afta	2	3	2	2 (1) 3 (2)	2	3	2	3	2	3
admirar	3	4	3	4	3	4	3	4	3	4
abnegar	3	4	3	4	3	3 (1) 4 (2)	3	3 (1) 4 (2)	3	4
amnésia	3	4	4	4	3	3 (1) 4 (2)	3	3 (1) 4 (2)	4	4
psicologia	4	6	5	6	5	6	4	6	4	6
advertir	4	4	3	4	3	4	3	4	3	4

Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Os dados mostram que a percepção dos falantes sobre a quantidade de sílabas pronunciadas nas palavras da lista é pautada mais pelo viés fonético dos segmentos esperados nos vocábulos, baseado, possivelmente, na escrita ortográfica portuguesa, do que no sistema fonológico do português brasileiro, no qual se espera, conforme

apresentados nas teorias de formação silábica e especificamente para o português brasileiro, a inserção de uma vogal epentética alta [ɪ] separando encontros consonantais pouco recorrentes nos padrões silábicos em nosso sistema linguístico. A ocorrência da vogal [ɪ] gera reorganização na distribuição dos segmentos entre os constituintes silábicos, fazendo com que encontros consonantais CC como [pt], encontrado em *pacto*, sejam reorganizados como CV.CV, [(pa).kɪ.tʊ]. Com isso, o português brasileiro demonstra obedecer à tendência universal de Sequência de Sonoridade que impede *plateau* de sonoridade no mesmo constituinte, uma vez que os segmentos [p] e [t] são ambos obstruintes. O mesmo pode ser aplicado para a palavra *amnésia*, no qual os segmentos CC são ambos nasais. Os exemplos analisados também podem ser representados pela Lei do Contato Silábico que apresenta a disposição de encontros consonantais intersilábicos de manterem o segmento em posição de coda com valor mais alto do que o primeiro elemento do ataque da sílaba seguinte. Assim, *abnegar* não acata a esse princípio pois, ao se escandir as sílabas da maneira [ab.ne], o elemento mais sonoro de acordo com a escala de sonoridade seria [ŋ], nasal, enquanto o plosivo é de menor valor. Assim, a vogal átona e breve [ɪ] desfaz a sequência consonantal, permitindo que o segmento na posição de ataque aumente maximamente em direção ao núcleo silábico: [a.bɪ.ne.gaR].

Alves (2017) chama a atenção para o fato da inserção ou não da vogal epentética representar um padrão variável nas línguas, sendo possível a sucessão do *plateau* em alguns casos, o que Bisol, segundo o autor, define como Afrouxamento de Condição de Coda. Dessa forma, comprova-se as possíveis variações de preenchimento silábico de acordo com os Princípios Universais são, no fim, tendências. Para Cagliari (2007, p.118), esses exemplos de variação demonstram que certos vocábulos não apresentam forma estável: “A formação de encontros consonantais [...] mostra que atualmente em português muitas palavras não têm forma fonética fixa, e as variações vêm refletidas nas pronúncias dos falantes”.

A pronúncia dos participantes do estudo demonstra essa possibilidade de variação e a forte tendência do português de desfazer os encontros consonantais na maioria dos casos. Em relação à percepção do aumento de sílabas dado à reorganização dos segmentos devido à adição da vogal, a tabela da página X mostra que isso não é percebido pelos falantes, que, produzindo ou não o segmento

epentético, julgam o mesmo número de sílabas. O mesmo pode ser observado no exemplo a seguir retirado dos dados sobre informante 2:

Quadro 15 - Demonstração de percepção silábica em variação de pronúncia de encontro consonantal

Vocábulo	Pronúncia	Percepção de número de sílabas
absurdo	[ab.so.'lu.tʊ] [a.bɪ.so.'lu.tʊ]	4

Fonte: elaborado pelo autor (2023)

O mesmo ocorre em outros exemplos da análise de dados, como por exemplo nos vocábulos *absoluto*, *aptidão*, *absurdo*, *afta*, *abnegar* e *amnésia*.

Em outros momentos, há a confluência do número de sílabas pronunciadas pelo julgamento do participante, como é o caso em *absoluto* e *convicção* pelo informante 1. Ao julgar que o mesmo não ocorre com os mesmos exemplos nos outros voluntários, pode-se considerar que nesse caso o participante, consciente da pronúncia que fez, foi capaz de perceber a estrutura fonológica utilizada.

Por fim, sobre como o conhecimento fonológico internalizado é ativo e influencia toda a nossa produção linguística mesmo que disso não tenhamos conhecimento, cita-se um trecho de Cagliari (2008, p.27), no qual o autor aponta que não só o ambiente fonológico pode atuar como uma força para alterações na produção dos sons, mas que, contra ele, atua a força estrutural, própria de cada sistema.

Todo falante nativo age linguisticamente em função do sistema de sua língua. Os aspectos mais importantes, como os fonemas, lhe parecem mais óbvios e deles faz um uso automático, e tem conhecimento mais ou menos consciente. Porém, com relação às variações fonológicas, embora sejam usadas com eficiente automatismo, delas nem sempre o falante tem consciência clara e precisa. Por exemplo, as pessoas dizem automaticamente [ta té tchi tó tu], achando que estão dizendo a família silábica do T.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Alves (2017) a sílaba é uma das unidades mais presentes nos estudos fonológicos. Ela é uma "unidade mental de evidências inegáveis", e que, conforme Segundo Freitas e Santos (2009), funciona como unidade gramatical estruturadora do conhecimento fonológico.

Dessa forma, sendo a sílaba a estrutura que fundamenta nosso conhecimento fonológico internalizado e que rege a produção de unidades maiores, o presente trabalho buscou demonstrar por meio da produção de vocábulos isolados que falantes nativos de língua portuguesa têm amplo conhecimento do sistema fonológico de sua língua, mesmo que disso não se tenha consciência, e produzem padrões silábicos com sequências fonotáticas próprias do sistema do português brasileiro. Em concordância com o que afirma Hernandorena (1994) a representação mental da fonologia das línguas, que pode ou não manter correlação com a representação fonética - mais palpável para o falante - a análise da produção dos informantes da pesquisa mostra que a percepção silábica é baseada no nível fonológico, uma vez que, apesar da produção unívoca de todos os participantes da palavra *convicção* como [kõ.vi.kɪ.'sẽũ], por exemplo, os voluntários declaram perceber que produziram 3 sílabas e não 4, como pode ser percebido na transcrição fonética apresentada para o vocábulo citado e para todos os outros propostos como matéria de análise no trabalho.

Como resultado, os dados obtidos mostraram que os participantes identificaram um número de sílabas mais próximo ao estímulo fonético do que o de fato produzido por eles, não levando em consideração condições próprias de variação do sistema fonológico do português brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALVES, U, K. Teoria da Sílabas. In: HORA, D.; MATZENAUER, C. L. **Fonologia, fonologias**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2017.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 15ª edição. Petrópolis: Vozes, 1985.

COLLISCHON, G. A Sílabas em Português. In: BISOL, L (Org.) **Introdução a estudos de Fonologia do português brasileiro**. ed. 2. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

FREITAS, M. J.; SANTOS, A. L. **Contar (histórias de) sílabas**: descrição e implicações para o ensino do Português como Língua Materna. Lisboa: Colibri, 2001.

CAGLIARI, L. C. **Análise Fonológica - Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CAGLIARI, L. C. **Elementos de Fonética do Português Brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2007.

HERNANDORENA, C. L. A Geometria dos Traços na representação das palatais na aquisição do português. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 29, n4, p.159-167, dez. 1994

MASSINI-CAGLIARI, G; Cagliari, L. C. Fonética. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à Lingüística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001.

MORI, A. C. Fonologia. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à Lingüística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BISOL, L (Org.) **Introdução a estudos de Fonologia do português brasileiro**. ed. 2. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

BLEVINS, J. The syllable in phonological theory. In: GOLDSMITH, J. (Org.). **The Handbook of Phonological Theory**. Cambridge, MA; Oxford, UK: Blackwell, 1995, p.206-244.

MATEUS, M. H. M.; ANDRADE, E. d'. **The Phonology of Portuguese**. Oxford: O. University Press, 2000.

SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do Português**. São Paulo: Contexto, 1999.

ANEXO B - Quadro fonético do português brasileiro

Tabela Fonética do Português Brasileiro
©Thaís Cristófaró Silva

CONSOANTES								
Ponto de articulação Modo de articulação	Vozeamento	bilabial	lábio-dental	dental ou alveolar	alveopalatal	palatal	velar	glotal
oclusiva	não-vozeada	p		t			k k ^w	
	vozeada	b		d			g g ^w	
fricativa	não-vozeada		f	s	ʃ		x	h
	vozeada		v	z	ʒ		ɣ	ɦ
africada	não-vozeada				tʃ			
	vozeada				dʒ			
nasal	vozeada	m		n		ɲ ɣ̃		
tepe	vozeada			r				
vibrante	vozeada			ʀ				
aproximante retroflexa	vozeada			ɻ				
lateral	vozeada			l ɭ w		ʎ ɮ y		

VOGAIS									
	anterior			central			posterior		
	não-arredondada			não-arredondada			arredondada		
	oral	reduzida	nasal	oral	reduzida	nasal	nasal	reduzida	oral
alta	i	ɪ	ĩ				ũ	ɯ	u
média-alta	e		ẽ				õ		o
média-baixa	ɛ								ɔ
baixa				a	ə	ã			

DITONGOS							
Ditongos decrescentes orais	glide palatal	[aɪ]	[eɪ]	[ɛɪ]	[oɪ]	[ɔɪ]	[uɪ]
	glide posterior	[aʊ]	[eʊ]	[ɛʊ]	[oʊ]	[iʊ]	
Ditongos decrescentes nasais	glide palatal	[ãɪ]	[ẽɪ]	[õɪ]	[ũɪ]		
	glide posterior	[ãʊ]					
Ditongos crescentes orais	glide palatal	[ɪə]	[ɪɪ]	[ɪʊ]	[ɪo]		
	glide posterior	[ʊə]	[ʊɪ]	[ʊʊ]			